

Medida e Ordem: *Elementos do Universo Cósmico e Ético-Antropológico de Heráclito*

Esmael Alves de Oliveira

Resumo

O universo humano é complexo e, em consonância com o pensamento heraclítico, só poderia ser compreendido levando-se em consideração seus diversos aspectos. É difícil, portanto, falar do âmbito propriamente humano sem levar em conta o aspecto cosmológico e sua estreita relação com o *lógos* universal. É importante ressaltar que, em Heráclito, a problemática do *éthos* não se dará de forma bem estruturada; no entanto, nada impede a tentativa de se pensar a questão ética evocando alguns elementos do pensamento do efesino, que contém já em germe aquilo que será aprofundado a partir da segunda metade do século V (com Sócrates e os sofistas) e que será tema de discussão de sucessivas gerações de pensadores.

Palavras-chave: Heráclito, medida, ordem, *lógos*, ética.

Heráclito de Éfeso: Vida e Obra

Compreender a vida de Heráclito não constitui uma tarefa fácil devido à escassez de informações ou divergências entre os autores e as fontes, por serem tardias, não são muito confiáveis. A principal fonte que relata alguns aspectos gerais do pensamento heraclítico se encontra em Diógenes Laércio (séc III-IV d. C.).

Heráclito viveu, ao que tudo indica, entre os séc. VI e V a. C. e o auge de sua existência se deu, aproximadamente, na LXIX olimpíada (504-500 a.C.). Diz-se que Heráclito possuía um caráter altivo e melancólico, além de manifestar certa aversão à convivência social (misântropo). Desprezava o povo comum e manifestou críticas ferrenhas aos antigos poetas, aos pensadores de seu tempo e até mesmo à própria religião. A respeito, José Cavalcante de Souza comenta:

Recebeu o cognome de *skoteinós*, o obscuro. Formulou com vigor o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias. Estabeleceu a existência de uma lei universal (o *lógos*), regedora de todos os acontecimentos particulares e fundamento da harmonia universal, harmonia feita de tensões opostas.¹

Segundo Kirk e Raven², as únicas informações sobre a vida de Heráclito que são dignas de crédito referem-se ao seu local de origem, Éfeso, à sua descendência aristocrática e aos problemas de relacionamento com os seus concidadãos.

Alguns autores acreditam que Heráclito não chegou a atribuir um título à sua obra. É Diógenes Laércio³ que nos informa que uns a chamavam de *As musas*, outros de *Da natureza*. Ainda segundo Diógenes, a obra seria uma espécie de tratado dividido em três partes: *o universo*, *a política* e *a teologia*⁴. No que concerne à morte de Heráclito, o mesmo doxógrafo afirma ter ele morrido aos sessenta anos de idade tendo como causa a hidropisia (acumulação de líquido patológico em diversas partes do corpo).

Heráclito, apesar de não ter chegado à posteridade sua obra integral, possui em seus fragmentos um pensamento muito fecundo. Tentar pensar o homem

1 *Os pré-socráticos*. Coleção Os Pensadores Trad. José Cavalcante de Souza *et al.* 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 45.

2 G. S. Kirk; J. E. Raven. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990, p. 85.

3 Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: UNB, 1988, p. 254.

4 *idem*, *ib.* p. 252.

em sua estreita relação com a ética, em Heráclito, é estar aberto, sobretudo, às diversas possibilidades de interpretações do *lógos*, que enquanto lei universal rege todas as coisas, inclusive as ações humanas. Nesta perspectiva, o *lógos* pode ser compreendido de modos variados, e, certamente, a dimensão ética torna-se uma das formas principais de sua manifestação.

A Ética Heraclítica⁵

Não se pode abordar a questão ética em Heráclito sem se remeter à temática do *lógos*. Alguns autores chegam a afirmar ser este o problema fundamental de tal pensador. Torna-se necessário, portanto, uma pequena análise deste aspecto do pensamento heraclítico.

A palavra *lógos* possui diversos significados; porém, alguns especialistas, atendo para as dificuldades de tradução do termo em seu sentido original, preferem optar pela forma transliterada. É o caso de Damião Berge em seu estudo sobre Heráclito⁶. Segundo alguns filólogos, tal termo, na época de Heráclito, era usado com diferentes sentidos, e o próprio pensador o teria empregado, em sua obra, com diversidade de significações e conceituações. Haveria, portanto, muitas possibilidades de entendimento do termo.

O termo *lógos* não foi uma invenção de Heráclito, uma vez que ele já estava incorporado à literatura. Nos poemas homéricos, ele designava de uma maneira ampla a palavra humana, a narração, o canto; de modo mais restrito, o dizer dos heróis. Heráclito não o inventou; no entanto, deu-lhe uma nova configuração. Estendeu o *lógos* ao Todo, numa tentativa de tornar inteligível a regência ou o governo da Natureza. Nesse sentido, o *lógos* é uma explicitação da *arkhé* e também da *phýsis*, tendendo a conferir a esses termos uma inteligibilidade mais acessível. Heráclito, ao referir o *lógos* ao *kósmos*, quis tornar inteligível o próprio mundo humano; fez do *lógos cósmico*, da ordem universal, o modelo do *lógos humano*.

Segundo Manuel da Costa Freitas, a raiz do verbo *légo*, que origina o substantivo *lógos*, é *leg*. *Légo* indicava, originalmente, a ação de recolher mediante escolha, organizando o que se escolheu, ordenadamente. O verbo *légo* expressava o conjunto dessa ação, e não propriamente o falar e o dizer. Foi Homero quem redimen-

5 Os fragmentos utilizados seguem a tradução de José Cavalcante de Souza presente na Coleção "Os pensadores".

6 D. Berge. *O logos heraclítico: introdução ao estudo dos fragmentos*. Rio de Janeiro: INL, 1969.

7 V.AA. *Logos: enciclopédia luso-brasileira de filosofia*. v. 3 Lisboa: Verbo, 1991.

sionou esse significado originário, enquanto que Heráclito, mais tarde, e numa perspectiva semelhante, deu ao termo uma conotação filosófica enriquecendo-o com outros significados. Com Heráclito, o termo passou a expressar verbalmente tanto o pensamento humano quanto o princípio que governa o mundo⁷.

Diante das diversas possibilidades de significações de termo, Vianna afirma:

Temos a impressão de que, para Heráclito, manifesta-se-nos o *lógos*, nos domínios da natureza, como lei física; no terreno da ética, como princípio moral; no âmbito estatal, como lei política; na esfera do direito, como lei jurídica; na alma humana, como princípio racional.⁸

O *lógos*, no pensamento do efesino, também possuía um sentido figurado: “o fogo sempre vivo, acendendo-se e apagando-se em medidas” (frag. 30)⁹. Surge aqui um primeiro elemento que remete à questão ética: o *lógos*, como o fogo, que possui uma ordem intrínseca e que concede à *phýsis* (que abarca todas as coisas, inclusive o homem) uma medida certa, um *métron*.

Para alguns especialistas, o fogo pode ser compreendido como o modelo primitivo da matéria, como o fundamento constitutivo das coisas. Não se confundindo com uma substância primeira. Kirk e Raven dizem que o fogo de Heráclito não se relaciona com os elementos dos *milésianos*¹⁰. No entanto, outros pesquisadores acreditam ter o fogo muitos significados: princípio (*arkhé*), *lógos* (regulador), vir-a-ser (mudança) etc. No fragmento 94 (“Pois *Hélios* não transpassará as medidas; senão as *Erínias*, servas da Justiça, descobrirão”), a temática da desmedida humana pode ser retratada por meio de *Hélios*, divindade solar que representa o fogo. No pensamento mítico, as divindades interferem ativa e constantemente no universo humano. Neste sentido, completa o fragmento 64: “De todas as (coisas) o raio fulgurante dirige o curso”. Nos dois fragmentos, a figura do sol tem um papel preponderante; no primeiro (frag. 94) é dito que nem *Hélios* escapa à ação das *Erínias* (divindades justiceiras), dando a entender que todo o *kósmos* é regulado por uma lei universal, ou seja, o mundo é um eterno fogo com uma regra inerente, própria. Ao quebrar este equilíbrio, o homem põe em risco a existência das coisas e a sua. A ação humana, sua intervenção, deve, portanto, ser regulada para que não exceda a medida e não cause transtornos à realidade na qual está inserido.

8 S. B. A. Vianna. “O estranho Heráclito de Éfeso”. In: *Kriterion* n. 69, Belo Horizonte: UFMG, 1976, p. 5.

9 “Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas”.

10 G. S. Kirk; J. E. Raven. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990, p. 2002.

A figura das *Erínias* dá uma conotação régio-divina aos instrumentos de controle das ações humanas. No segundo fragmento (64) é fornecida outra característica: o *lógos* (raio fulgurante) é o que dirige e orienta tudo o que existe, nada escapando ao seu domínio, ao seu controle, à sua medida.

Torna-se importante ressaltar que, nas relações sociais, os interesses coletivos (*pólis*) devem estar acima dos individuais (*oikos*), e esta é uma das características mais marcantes do comportamento social grego. A lei surge como um instrumento de manutenção da relativa paz social. Tudo o que possa abalar esta ordem física, política, social e cósmica, deve ser combatido. O fragmento 44 (“É preciso que lute o povo pela lei, tal como pelas muralhas”) é bem claro: *valorizar a lei*. Os homens possuem responsabilidades e estas são atribuídas pela lei, bem como os direitos. Segundo Donaldo Schüler,

a lei é a condição para que diferentes possam conviver. A lei consente que o outro seja outro, proteje-o. Lutar pela lei é bater-se pelo espaço em que contrários se confrontam, é lutar pela vida como ela é. Combater pela lei é bater-se pelo direito de diferentes serem o que são.¹¹

Em outro sentido, lutar pela lei como pelas muralhas, é, sobretudo, valorizar algo que supera inclusive a segurança física. É de destaque a importância dada pelo efesino à lei. É ela que garante a coesão social, pois todos passam a ser responsáveis pela cidade (*pólis*). Para Heráclito, estas exigências excedem a capacidade humana, por isso torna-se necessário o auxílio daquilo que tudo dirige (*lógos*).

No próprio desenvolver da história, através dos processos cósmicos, os limites foram sendo impostos. Tudo possui uma ordem inerente, uma medida apropriada, é isto o que diz o fragmento 30 ao metaforizar o mundo como um fogo que se acende e se apaga na medida certa. O *kósmos* é uma totalidade que abarca em si todas as coisas, e o que garante que tudo mantenha uma ordem, uma medida, é o *lógos*. Aquilo que não possui uma ordem, um equilíbrio, uma sintonia, acaba por desfazer-se. Em Heráclito, todas as coisas estão interligadas e possíveis alterações que não obedeçam a determinados limites, acarretam o caos. As relações sociais, as relações políticas, a própria vida humana necessita de transformação, mas transformações que obedeçam aos limites e não acarretem uma completa desagregação. A palavra chave é medida. Todas as coisas estão sob uma ação moderada. O ouro (frag. 90)¹²

11 D. Schüler. *Heráclito e seu dis(cursor)*. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2001 p. 186.

12 “Por fogo se trocam todas as (coisas) e fogo por todas, tal como por ouro mercadorias e por mercadorias ouro”.

representa o poder, a distinção: todas as coisas são importantes, e possuem sua função e utilidade no todo. O que dita os papéis é o processo dinâmico do *kósmos*, que distribui equitativamente os papéis. O fogo (*lógos*) estabelece as possibilidades e os limites do homem, que não pode possuir tudo o que deseja. Existem critérios que devem ser seguidos.

Segundo esta linha de pensamento, os fragmentos 43 (“A insolência é preciso extinguir mais que o incêndio”) e 119 (“O ético no homem [é] o demônio [e o demônio é o ético]”) se complementam. Para não incidir no extremo, o homem precisa dominar a *hybris* (insolência). Esta é responsável pelas grandes tragédias humanas. Mas como dominar algo que aparentemente é sem controle? Heráclito dá a resposta: o ético-demônio. O que seria o demônio (ou *dáimon*)? Alguns autores dizem que o termo representava uma espécie de inspiração divina (bom espírito), outros, contemporâneos, dizem tratar-se de uma consciência interior. Mas o que há de se destacar é sua estreita relação com a *éthica* (*éthos*). Juntos seriam responsáveis por garantir ao homem a manutenção da medida (*métron*), do equilíbrio, diante da possibilidade de extremos.

O termo *dáimon* está ligado a *dáimones*, e possui uma diversidade de significações. Segundo Valcicléia Pereira da Costa¹³, o termo está relacionado ao auxílio divino (uma divindade favorável que possibilita a quem a acompanha, usufruir de uma boa vida). A autora, citando Liddell-Scott e Festugière descreve que, etimologicamente, o termo *dáimones* deriva do verbo dividir, repartir, distribuir. Neste sentido, os *dáimones* seriam os distribuidores dos bens humanos. No entanto, este não parece ser seu único significado. Segundo Chantraine, citado por Valcicléia Costa¹⁴, o termo já aparece no vocabulário cretense com o sentido negativo de “espírito maligno”, responsável pelas desventuras humanas.

Valcicléia Costa também salienta que inicialmente o *dáimon*, enquanto protetor, estaria ligado a uma idéia religiosa de distribuição concedida pelas divindades aos homens, às cidades e às regiões, muito embora adquirisse progressivamente um sentido não-religioso. Com o nascimento do pensamento filosófico, a concepção de *dáimones* sofreu algumas alterações. Houve, assim, uma distinção entre um bom *dáimon* (responsável pela felicidade) e um mau *dáimon* (responsável pela infelicidade), mas ambos agora situados no âmbito do agir humano (livre das concessões arbitrárias das divindades).

13 V. P. Costa. *O tópos da eudaimonía no discurso ético-político de Platão*. Tese. São Paulo: Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

14 *idem*, *ib.* p. 36.

Associar o ético com o *dáimon* é remeter-se a uma profundidade que só será mais bem evidenciada na filosofia socrático-platônica. Descer ao que há de mais profundo, infiltrar-se no interior escondido, é a base do caráter e das excelências dignas do *lógos* eterno. É do interior, de onde provêm as inspirações do *dáimon*, que emana a verdadeira postura ética. Não parece haver espaço para ouvir o *daimoníaco* num espaço dominado pelas confusões e imperfeições humanas. O *lógos*, que “nem diz nem oculta, mas dá sinais” (frag. 93), requer um discernimento adequado, diferenciado do vulgo. Para Damião Berge, o fragmento II9 representa um grande convite: “Que entrem, pois em seu interior, onde reside o *lógos* e lhes forma a consciência própria: este dirigir-lhes-á a vida”¹⁵.

Enfim, a liberdade humana confronta-se com um universo, por vezes, conflituoso: o das possibilidades, que somente quando são levadas em consideração com uma postura madura e moderada (própria dos que se deixam conduzir pelo *lógos* universal), garantirão uma escolha não influenciada pelos excessos ou pela desmedida. Ao seguir as leis do *lógos*, que são necessárias e universais, o homem cumpre o que é próprio de sua natureza e aproxima-se do agir ético que se manifesta numa vida prudente e sábia (“perfeição” intelectual).

Referências Bibliográficas

BERGE, D. *O logos heraclítico: introdução ao estudo dos fragmentos*. Rio de Janeiro: INL, 1969.

BORNHEIM, G. *Os filósofos pré-socráticos*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BURNET, J. *O despertar da filosofia grega*. Trad. Mario Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.

COSTA, V. P. *O tópos da eudaimonía no discurso ético-político de Platão*. 2004. 428f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

GUTHRIE, W. K. C. *Os filósofos gregos: de Tales a Aristóteles*. Trad. Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Presença, 1987.

¹⁵ D. Berge. *O logos heraclítico: introdução ao estudo dos fragmentos*. Rio de Janeiro: INL, 1969, p. 181.

HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. Trad. Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

KIRK, G. S; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca; Beatriz Rodrigues Barbosa; Maria Adelaide Pegado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.

LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1988.

V. AA. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, 1991. Vol 3.

Os pré-socráticos. Coleção Os Pensadores. Trad. José Cavalcante de Souza. et. al. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

PENEDOS, A. J. *Introdução aos pré-socráticos*. Porto: Rés, 1984.

SCHÜLER, D. *Heráclito e seu dis(curso)*. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

VIANNA, S. B. A. "O estranho Heráclito de Éfeso". In: *Kriterion* n. 69, Belo Horizonte: UFMG, 1976.



ESMAEL Alves de Oliveira é graduando em filosofia pela UFAM e bolsista pelo CNPq.